

Instituto Agronômico de Campinas

Seu decisivo papel atual na defesa da economia agrícola
do Estado de São Paulo e do Brasil

Prof. Arthur Torres Filho
Presidente da Soc. Nac. de Agricultura

Em 1809 era plantado o primeiro cafézal em Campinas, que seria o ponto de partida para a formação de sua maior riqueza agrícola e prosperidade do Estado, até hoje. Em 27 de junho de 1887, D. Pedro II, graças à larga visão do Conselheiro Antônio Prado, então Ministro da Agricultura, era criada a Estação Agronômica de Campinas e contratado para dirigi-la o prof. Dr. F. W. Dafert. A escolha de Campinas, dentre outras razões, se justificava porque, já àquela época, Campinas se tornara o centro de irradiação da cultura cafeeira, que se deslocara do Estado do Rio para as regiões não desbravadas, de terra roxa, que se transformaria no Eldorado da cafeicultura brasileira. Sempre atento à evolução econômica que se operou com a grande riqueza agrícola, em 1892, a Estação Agronômica passou para a alçada do governo estadual e em 1897 o sábio professor Dafert regressava à Áustria deixando assinalada a sua passagem por uma obra notável, caracterizada por uma ação intensa, de experimentação, de que se destacam as referentes à cultura cafeeira cujas bases científicas foram por ele traçadas e até hoje os seus ensinamentos, contidos em relatórios, são estudados e aplicados. Em reconhecimento à obra científica que realizou em benefício da nossa agricultura, ergue-se no Instituto a herma do sábio austríaco. Seguiu-se-lhe na direção do Instituto o engenheiro Uchoa Cavalcanti e o engenheiro agrônomo Gustavo D'Utra, cuja atuação também foi assinalada por trabalhos de grande valor. Como Gustavo D'Utra fosse chamado a prestar sua valiosa colaboração na organização do Ministério da Agricultura, diversos profissionais foram chamados para dirigir o Instituto Agronômico de Campinas, Lourenço Granato e Arthur Bert e outros.

Quando Secretário da Agricultura Cândido Rodrigues, sofreu o Instituto sua

primeira reforma a que se seguiu uma outra, pelo dr. Heitor Penteado que, procurando atender à evolução econômica e técnica da agricultura paulista, criou as seções técnicas.

Coube ao Secretário da Agricultura, dr. Gabriel Ribeiro dos Santos, aperfeiçoar a organização técnico-científica do Instituto adaptando-o à evolução científica da agronomia e às reais necessidades da economia agrícola de São Paulo e também do Brasil convidando, em 1923, para a realização dessa transformação notável e da mais larga repercussão em todo o País, o ilustre professor Theodureto de Camargo, que até 1942 dirigiu o Instituto, que teve, nesse período, a sua fase áurea no campo da experimentação e da assistência técnica às principais fontes de produção do Estado, que passaram a contar com seções especializadas, tendo à frente das mesmas grandes profissionais. Nessa época surgiram novos setores econômicos no Estado, como o do algodão e da citricultura e as indústrias agrícolas tiveram orientação científica com novo surto de progresso. Na administração Theodureto de Camargo, dentro da nova estruturação, o Instituto Agronômico se revitalizou com orientação segura na ordem administrativa e científica e passou a formar profissionais brasileiros especializados nos grandes ramos da agronomia, merecendo destaque o da genética, com o melhoramento das principais culturas, sendo criadas, para muitas delas, estações experimentais regionais. Pode-se assinalar que graças à atuação do Instituto e à segurança de suas pesquisas e assistência técnica à classe agrícola, o Estado de São Paulo passou a orientar o Brasil no verdadeiro caminho que lhe pode assegurar e consolidar sua riqueza agrícola porque, sem orientação científica e sem pesquisas experimentais, não pode hoje haver exploração racional do solo. Com o grau de aperfeiçoamento atingi-